

TÓPICOS DE ONTEM, TÓPICOS DE HOJE

O tratamento da mesóclise e do infinitivo pessoal nas gramáticas de português para italianos (sécs. XIX)

MONICA LUPETTI
UNIVERSITÀ DI PISA

Abstract – The current practice of didactics of the Portuguese language reveals how the Italian student finds special learning difficulties in some areas where Portuguese diverges greatly from Italian. Among these areas, the *infinitivo pessoal* and the *mesóclise* or *imesi* stand out, peculiarities of the Portuguese language absent in the language of Dante. This article intends to adopt a diachronic perspective, proposing a journey through the first grammars from Portuguese to Italians, published in the nineteenth century, choosing as *terminus ad quem* the First World War. The questions to which this article will try to give an answer are three: 1) can the grammars of this first period give said difficulties an effective answer from a didactic point of view? 2) with the variability of the nature of grammars also varies the awareness that certain aspects of the Portuguese language represent a special and specific degree of difficulty for the Italian student? 3) Does the way these difficulties are made explicit or analysed also vary? From the answer to these questions depends on the possibility of understanding and evaluating to what extent the teaching methods of Portuguese for Italian speakers took account, already in XIX^o century, the specificities of the learner and had as objective to obtain an advanced and exhaustive linguistic competence.

Keywords: Portuguese language didactic; *infinitivo pessoal*; *mesóclise*; grammars for Italian speakers.

1. Introdução

Este artigo quer adotar uma perspectiva diacrónica relativamente a um problema específico da língua portuguesa no contexto itálico. A prática atual da didática da língua portuguesa revela, de facto, como o estudante italiano encontra especial dificuldade na aprendizagem com respeito a algumas áreas onde o português diverge bastante do italiano. Entre ditas áreas escolhemos, para este estudo, o infinitivo pessoal e a mesóclise ou imesi, peculiaridades da língua portuguesas ausentes na língua de Dante.

Decidimos começar por destas dificuldades a nossa viagem através das primeiras gramáticas de português para italianos, publicadas no século XIX, escolhendo como *terminus ad quem* a Primeira Guerra Mundial.

As razões da publicação destas primeiras e poucas gramáticas foram várias e baseadas, tardiamente e de maneira fraca, na necessidade de aprendizagem para fins educativos ou práticos. Todavia, em nome desta mesma variedade, elas representam um leque significativo, que vai de gramáticas exclusivamente teóricas a gramáticas que, apesar de ser elas também eruditas, focam-se prioritariamente no aspecto pragmático da língua, até chegarmos a métodos mais orientados para a aprendizagem em contextos institucionais ou até a autoaprendizagem.

As perguntas que, e às quais esta reflexão tentará dar uma resposta são três:

1) com a variabilidade da natureza das gramáticas varia também a consciência de que certos aspetos da língua portuguesa representam um grau de dificuldade especial e específico para o estudante italiano?

2) também varia a maneira como estas dificuldades se tornam explícitas ou se analisam?

3) as gramáticas deste primeiro período conseguem dar a ditas dificuldades uma resposta eficaz do ponto de vista didático?

Da resposta a estas perguntas depende a possibilidade de compreender e avaliar em que medida os métodos de ensino de português para itálofonos tomassem conta, já em Oitocentos, das especificidades do aprendente e tivessem como objetivo aquele de obter uma competência linguística avançada e exaustiva. Só abrindo estes interrogativos às gramáticas do século XX, estaremos, num segundo momento, em condições de dizer em que momento dito propósito tenha chegado à maturação, tendo como resultado uma didática científica e profissional do português como língua estrangeira.

2. Esboço histórico das gramáticas de português para itálofonos do século XIX

A ilustração do corpus dos compêndios gramaticais de português para itálofonos que visamos levar a cabo neste artigo não pode prescindir de uma comparação com os respetivos compêndios de italiano para portugueses. As relações culturais e políticas constantes entre os dois países favoreceram um sucesso precoce destas últimas com respeito às primeiras.

Tendo de ser sintéticos sobre este ponto geral, podemos salientar que no “mercado das línguas”, a publicação de ferramentas para a aprendizagem da língua italiana em Portugal já no século XIX muito dependia da procura, no sentido que existia já uma massa crítica de sujeitos interessados no estudo do italiano. E o mesmo aconteceu, no fim do século XIX, com o Brasil, envolvido num consistente fluxo de emigração italiana. Entre 1807 e 1901 foram publicadas, entre Portugal e Brasil catorze gramáticas, tendo sido a maioria delas objeto de várias reedições. Vice-versa, no caso de Itália, não se regista

uma verdadeira procura de ferramentas para a aprendizagem do português, pelo menos até a metade do século XIX, se excluirmos o mundo das congregações religiosas que já no século XVII tinham enviado um número consistente de missionários nas colónias portuguesas na Ásia, em África e na América.

Além deste caso, as razões que justificaram a publicação de gramáticas de português para itálofonos na segunda metade do século XIX parecem ser duas: em primeiro lugar, a promoção, em contextos diplomáticos do conhecimento da língua e da civilização lusitana; em segundo lugar, o interesse científico para as características da língua portuguesa no quadro do processo de institucionalização da Filologia Neolatina ou Românica. Podemos, portanto, afirmar, que, pelo que concerne à Itália devemos mais à oferta do que à demanda de conhecimento da língua portuguesa a publicação de alguns manuais. Apenas no fim de Oitocentos, a criação das primeiras cátedras de línguas estrangeiras com fins comerciais preparou o pano de fundo para uma procura genuína de ferramentas didáticas focadas na língua portuguesa.

No total, as gramáticas de português para itálofonos publicadas entre 1846 e 1910 são seis.

A primeira, como já vimos em outras ocasiões (Lupetti 2016), é o *Ristretto di grammatica portoghese ad uso dei Missionarj di Propaganda*, que saiu em Roma em 1846, redigido pelo padre Paolo di Gesù, Maria e Giuseppe – um franciscano que pertencia à ordem dos Menores Observantes – e foi publicada pela Congregação de Propaganda Fide, órgão da cúria de Roma que tratava da organização da atividade missionaria.

A gramática foi redigida pelo padre Paolo “*col solo fine di giovar a’ missionarj*” (Paolo di Gesù, Maria e Giuseppe 1846, p. [3]) e define-se simples, na tentativa de capacitar o aprendente para “*leggere i libri portoghesi*”, sendo que com a prática num contexto oral “*poi parlerà bene, perché l’esercizio e l’uso fanno fare gran profitto in poco tempo*” (1846, p. 4). Se bem se componha de menos de cem páginas, o *Ristretto* trata de todos os principais aspetos da gramática, além de conter outras secções dedicadas a aprofundamentos, vocábulos, frases elementares, diálogos, abreviações e leituras.

Em 1858 aparece em Trieste a *Grammatica della lingua portoghese ad uso degl’italiani*, redigida por Antonio Bernardini, chanceler no Consulado geral do Brasil, e dedicada a Pietro Sartorio, cônsul geral de Portugal na cidade do Friuli. A gramática de Bernardini apresenta-se como uma operação luso-brasileira que visava promover o português como língua de contacto e de comércio. O texto em si é, todavia, um híbrido mal conseguido: as primeiras 481 páginas são, de facto, a tradução, em muitos casos literal, da *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* di Jerónimo Soares Barbosa (Lisboa, 1822); a segunda parte, mais breve, cujo título é *Della guida alla conversazione familiare* compõe-se de um vocabulário de 40 páginas, de mais

de 120 páginas de diálogos e de uma série de “*Idiotismi, espressioni famigliari e proverbj*”.¹

Data de 1869 a *Grammatica portoghese ad uso degl’Italiani*, publicada em Paris por um autor cujo pseudónimo era D. Vittore Felicíssimo Francesco Nabantino, um monge da cartuxa nascido em Tomar (Nabantium, em latim), cujo verdadeiro nome era Vítor Alves da Mota. Apesar de ter sido publicada 25 anos mais tarde, a gramática de Nabantino foi projetada em 1842, na altura do rei das duas Sicílias Ferdinando II de Borbone.

Embora publicada um quarto de século mais tarde, a gramática de Nabantino foi concebida em 1842, quando o rei das Duas Sicílias, Fernando II de Bourbon, encarregou o prior de ensinar português à sua irmã, D. Teresa Maria Cristina, destinada a ser Imperatriz do Brasil pelo casamento com D. Pedro II de Bragança, que reinou de 1831 até 1889. O método de Nabantino reflecte esta origem pedagógica e é incomparavelmente mais sóbrio e eficaz do que o de Bernardini-Barbosa. É rico em exemplos que facilitam a aprendizagem efectiva da língua. Uma secção fraseológica original e muito rica, útil para um leitor não lusófono, conclui o texto. Uma última secção oferece uma colecção de provérbios e um glossário organizado por temas.²

Nas duas últimas décadas do século XIX, assiste-se a uma mudança no interesse do mundo italiano pela língua e gramática portuguesas, intimamente ligada à institucionalização académica da filologia neolatina ou românica. É neste contexto que surge o pequeno volume dedicado ao português e ao galego (1881), da autoria de Francesco D’Ovidio e Ernesto Monaci, destinado a estudantes universitários.

A obra, apesar da sua suposta intenção científica, não é isenta de ingenuidade e de equívocos (Lupetti 2016, pp. 576-578), acompanhada, como observou Giuseppe Tavani (1958, p. 442), por uma “*terminologia [...] fantasiosa o bonariamente maliziosa*”. A primeira parte do livro, inteiramente escrita por D’Ovidio, é um longo ensaio sobre a língua, cujo objectivo é fornecer uma representação das características e especificidades da língua portuguesa em relação às outras línguas da estirpe românica. Daí a quase total ausência de exercícios, apenas parcialmente compensada por algumas listas de exemplos e um modestíssimo glossário.

Só na viragem para o século XX é que surgem duas gramáticas destinadas à aprendizagem da língua com base em métodos modernos, embora ainda muito ligados ao ‘método tradicional’ centrado no conhecido binómio “gramática-tradução”. A primeira é a *Grammatica ed esercizi pratici della lingua portoghese-brasiliana* de Gaetano Frisoni, publicada em Milão em 1898, na famosa série “Manuali” de Hoepli. O sucesso desta gramática é prova de uma procura de aprendizagem para fins práticos ligada à emigração italiana

¹ Cf. Bernardini (1858, p. 653).

² A dívida contraída, entre outros autores, com Luís Caetano de Lima, António Michele e António Prefumo continua por investigar.

para o Brasil e à intensificação das 'relações comerciais' com aquele país (Frisoni 1898, p. VII).

O contexto institucional da publicação da *Grammatica* de Frisoni é especialmente significativo: o autor leccionou espanhol e português no Circolo Filologico e Stenografico di Genova, uma instituição filantrópica fundada em 1869, dedicada a oferecer cursos gratuitos de formação em matérias comerciais, línguas estrangeiras³ e estenografia, em benefício daqueles que procuravam emprego em empresas relacionadas com a navegação.⁴ Do ponto de vista macro-estrutural, a gramática divide-se numa série de capítulos ágeis, não numerados, que tratam sucessivamente das regras de pronúncia (1 cap.), das partes do discurso (5 cap.) e da sintaxe (1 cap.). Seguem-se secções com colecções de idiotismos, provérbios, homónimos e homófonos, entre outros. Cada lição começa com uma explicação das regras gramaticais, seguida de listas de exemplos, de comparações com o espanhol destinadas a facilitar a aprendizagem do português por quem já conhece esta língua e, por fim, de "exercícios orais" constituídos por textos de leitura, exercícios de versão e transposição, seguidos de temas e conversas.

Precisamente esta última secção, bem como toda a organização dos capítulos, revela a dívida de Frisoni para com o método Gaspey-Otto-Sauer, que inspirou o último manual que examinamos, o de Vito Palumbo intitulado *Grammatica elementare della lingua portoghese*, publicado em 1910 pelo editor de Heidelberg Julius Groos.⁵ Trata-se de uma técnica que retoma o método da conversação, dando ênfase à prática da oralidade. As 45 lições em que se divide o programa de ensino estão organizadas de acordo com o mesmo esquema adoptado por Frisoni.

De facto, apesar da novidade da secção sobre as conversações, esta gramática não se afasta substancialmente do método "gramática-tradução". Em termos de conteúdo, depois de uma secção dedicada à fonologia, trata extensivamente da morfologia portuguesa, inserindo considerações esporádicas sobre ortografia e sintaxe directamente nos capítulos dedicados às diferentes partes do discurso. O único apêndice é um extenso vocabulário bilíngue.

³ O ensino de línguas estrangeiras encontrou também um amplo espaço nas Escolas Superiores de Comércio de Veneza (1868), Génova (1884) e Bari (1886). No entanto, na Escola de Génova, as línguas estrangeiras inicialmente ensinadas eram o inglês, o alemão, o francês (obrigatório), o espanhol e o árabe, mas não o português. Ver Massa Piergiovanni (1992, p. 92).

⁴ Cf. o artigo comemorativo mas circunstancial de Lombardo (1964).

⁵ Durante mais de um século, a editora publicou um número substancial de ferramentas gramaticais inspiradas no método Gaspey-Otto-Sauer, desde as línguas europeias às do Médio Oriente, orientais e africanas, com as mais diversas combinações.

3. Os casos do infinitivo pessoal e da mesóclise

Gramática	Partes	Conjugações	Explicação (tipo)	Explicação (comprimento)	Exemplos	Exercícios
Paolo di G.M.G. 1846	Cap. IV. Os verbos	Auxiliares regulares	Anotações	13 linhas	1 conjugação	-
Bernardini 1859	Cap. IV, Verbo art. II,3; art. III, 5	-	Regras	1 p. + 1 p.	Diversos	-
Nabantino 1869	Cap. VIII Verbo	Auxiliares regulares	-	-	-	-
D'Ovidio – Monaci 1881	Os verbos	Ter e Ser	Regras	¾ p.	Diversos	-
Frisoni 1898	-	-	-	-	-	-
Palumbo 1910	Lições 20-21, 23, 25. Verbos	Regulares	Comentários	6 linhas	1	-

Tabela 1
Infinitivo Pessoal.

A tabela 1 mostra o grau de extensão do tratamento do tópico do infinitivo pessoal, bastante relevante no caso das gramáticas de Bernardini/Barbosa e da de D'Ovidio/Monaci, as mais teóricas no nosso corpus superficial nas gramáticas de português mais orientadas à didática do português com fins práticos. Além disso, a conjugação do infinitivo, apesar da sua presença frequente, não aparece acompanhada por uma explicação adequada pelo que concerne a sua formação e a sua aplicação/uso. Nesta perspectiva, cabe dizer que quase total é a ausência de exercícios e raras são as ocorrências do próprio infinitivo nas sessões dialogais ou nos modelos de conversação.

Quanto ao conteúdo das observações e explicações que interessam esse modo, é possível ressaltar alguns traços comuns:

1. uma consciência bastante extensa das características morfológicas do infinitivo pessoal relativamente aos verbos auxiliares e regulares;
2. uma comparação com a língua italiana visada a sublinhar como o infinitivo pessoal seja útil para evitar ambiguidades e a tornar as frases mais coerentes e sintéticas, exprimindo a coexistência, na frase, de um sujeito diferente daquele da frase principal;
3. a explicação do seu uso centrada em duas regras:
 - a) no caso em que o sujeito do verbo no modo “finito” é diferente do sujeito do verbo no Infinitivo (ex. *Julgo seres tu sabedor*);

- b) quando a frase no infinitivo funciona coo sujeito ou como atributo de outro verbo (ex. *O louvares-me tu me causa novidade*) ou quando a frase infinitiva é introduzida por uma preposição e toma um significado pessoal, não abstrato (ex. *Os maus, com se louvarem não deixam de o ser*);
4. a existência de exceções onde o sujeito é o mesmo, como acontece no exemplo “Virão todos ao mesmo tempo, e já preparados para partirem”, situação em que, nas palavras de D’Ovidio, um certo grau de separação obriga a tornar a frase mais clara e forte.

Gramática	Partes	Conjugações	Explicação (tipo)	Explicação (comprimento)	Exemplos
Paolo di G.M.G. 1846	Cap. VI. Sintaxe	Regra	12 linhas	3	-
Bernardini 1859	Cap IV. Verbo	Regra	3 linhas	3 conjugações reflexivas	-
Nabantino 1869	Parte II. Cap. VIII. Verbo	Comentários	6 linhas	1 conjugação reflexiva	-
D’Ovidio – Monaci 1881	Verbo	Comentários	9 linhas	Diversos	-
Frisoni 1898	Lições XXXVII e XL. Verbo	Comentários	7 + 15 linhas	Alguns elementos essenciais + 1 conjugação	Sim
Palumbo 1910	Lições 26 (verbo) e 27 (pronomes)	Nota e comentário	6 + 3 linhas	Alguns elementos	2 casos em 2 exercícios

Tabela 2
Mesóclise.

Passando para o tratamento da mesóclise, a tabela 2. demonstra que o tema é tratado em todas as gramáticas examinadas, mas dentro de um espaço limitado, na maioria dos casos, a poucas linhas. A explicação deste fenómeno baseia-se, mais uma vez, no fornecimento de exemplos, se bem que raramente quase se proponham exercícios específicos para aprender o seu uso. Quanto à presença nas secções dialogais e conversacionais, relevamos uma maior frequência nos casos de Berardini e de Barbosa, onde, porém se opõe à surpreendente superficialidade do seu tratamento na secção teórica. Em outros casos, a mesóclise parece raramente ou totalmente ausente. É significativo ver como as duas gramáticas mais modernas (Frisoni 1898; Palumbo 1910) apresentem raros e, em muitos casos, insuficientes exercícios acerca do fenómeno que estamos a tratar, chegando a ignorá-lo nos modelos conversacionais.

Se excluirmos a identificação de casos evidentes aos quais se aplica (isto é, no tempo do futuro e no modo condicional), raramente achamos, no tratamento da mesóclise, rigor e consciência deste facto linguístico. Além de um evidente desequilíbrio terminológico, registamos em muitos casos verdadeiros equívocos ou ambiguidades:

1) que a aplicação da mesóclise é correta apenas no caso de verbos pronominais reflexivos, sendo errada no caso dos ativos;

2) que para alguns dos autores examinados a mesóclise forma-se por meio da interposição do pronome complemento entre o infinitivo do verbo em questão e o auxiliar haver, sendo que outros se limitam a falar de interposição do pronome entre a raiz e a desinência do verbo principal, acrescentando um *h*, cujo desaparecimento se observa nos escritores mais modernos;

3) nem sempre resulta clara a distinção entre os casos em que a mesóclise se aplica e os em que, pelo contrário, não se aplica. Apenas para Gaetano Frisoni (1935, p. 169) a mesóclise aplicar-se-ia “*al futuro e al condizionale quando il pronome oggetto è posposto e il pronome soggetto non è espresso*” (es. Eu me lembrarei ou lembrar-me-hei).

4. Conclusões

O breve e ainda não exaustivo estudo levado a cabo até aqui, além de um diletantismo bem difundido, sugere um verdadeiro paradoxo: nas gramáticas teóricas as especificidades do português recebem um tratamento aprofundado mas não se fornecem estratégias (D’Ovidio) ou fornecem-se estratégias confusas e não coordenadas uma com a outra (Bernardini), visando ensinar a aplicação de ditas especificidades e a ultrapassagem das dificuldades a elas relativas.

Pelo contrário, nas gramáticas com finalidades didáticas, a ênfase posta no tratamento dessas especificidades e dificuldades é inferior. Os autores limitam-se a breves anotações, a escassos exemplos, fornecendo raramente exercícios específicos.

Como podemos explicar este paradoxo? Uma resposta possível poderia ser que quando a finalidade de tipo didático, ou melhor, frente ao tipo de finalidade didática que prevaleceu no século XIX, – sejam elas as práticas missionárias, comerciais ou, ainda, as travessias da emigração – o objetivo era fornecer competências básicas que pusessem o aprendente em condições de fazer face à leitura de textos de natureza pragmática e às primeiras experiências na oralidade. No fundo disso lê-se, evidentemente, o impato na sociedade e na economia italiana do desenvolvimento impetuoso do Brasil antes imperial e depois republicano. Quando, pelo contrário, a finalidade prevalente tinha carácter científico e académico, o objetivo do manual não era levar os estudantes até um conhecimento e uma prática avançada da língua portuguesa, para que

pudessem interagir com as expressões mais elevadas das culturas portuguesa e brasileira, mas inserir a análise das estruturas do português no contexto dos estudos de Filologia Românica. As peculiaridades do português interessavam, nesta perspectiva, como facto linguístico em si, mais do que como obstáculos à aprendizagem desta língua.

Uma consequência não desejada deste estado dos estudos académicos foi que nem os autores de gramáticas didáticas se formaram de maneira adequada para encarar as dificuldades da língua lusitana com consciência, profissionalidade, rigor e eficácia pedagógicas.

Nota biográfica: Monica Lupetti é Professora Associada de Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira no Departamento de Filologia, Literatura e Linguística da Universidade de Pisa. É autora de numerosos estudos diacrónicos sobre gramática e lexicografia bilingue português-italiano e sobre traduções portuguesas de textos literários e económicos, bem como de estudos sincrónicos sobre transferência linguística. Atualmente, ela é responsável pelo corpus português no âmbito do projeto PRIN 2020 “LexEcon - A transnational and diachronic study of treatises and textbooks of economics (18th to 20th century). Intra- and interlingual corpus-driven and corpus-based analysis with a focus on lexicon and argumentation”.

Email: monica.lupetti@unipi.it

Referências bibliográficas

- Barbosa Soares J. 1822, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios de Grammatica Geral Applicados à Nossa Linguagem*, Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- Bernardini A. 1859, *Grammatica della lingua portoghese ad uso degl'italiani, sulle tracce della Grammatica filosofica della lingua portoghese dell'illustre signor Jerónimo Soares Barbosa, socio dell'Accademia Reale delle Scienze di Portogallo, ec. ec., con vari esercizi nelle due lingue*, Trieste, 1858; Milano, Tipografia Morroni.
- Cardoso S. (org.) 1994, *Historiografia Gramatical (1500-1920)*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Frisoni G. 1898, *Grammatica ed esercizi pratici della lingua portoghese-brasiliana*, Hoepli, Milano.
- Germain C. 1993, *Évolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*, Cie International, Paris.
- Lupetti M. 2013, *Tradurre per imparare: il ruolo della traduzione nella storia della didattica dell'italiano per lusofoni (sec. XVIII-XX)*, in Lupetti M. e Tocco V. (a cura di), *Traduzione e autotraduzione: un percorso attraverso i generi letterari*, ETS, Pisa, pp. 279-317.
- Monaci E. e D'Ovidio F. 1881, *Manualetti d'introduzione agli studj neolatini per uso degli alunni delle Facoltà di Lettere*, pubblicati da E. Monaci e F. D'Ovidio, *Il Portoghese (e Gallego)*. Grammatica di F. D'Ovidio. Crestomazia di E. Monaci, Tip. D'Ignazio Galeati e Figlio, Imola.
- Moreira J.J. 1879 (?), *Elementi di composizione della lingua italiana*, S.J., Alves, Rio de Janeiro.
- Nabantino D.V.F.F. 1869, *Grammatica portoghese ad uso degl'italiani cioè per apprendere la lingua portoghese per mezzo dell'italiana*, Va. J.-P. Aillaud, Guillard e Ca., Parigi.
- Padre P. G.M.G., di 1846 *Ristretto di grammatica portoghese ad uso dei Missionarj di Propaganda*, coi tipi della S.C. de Propaganda Fide, Roma.
- Palumbo V.D. 1910, *Grammatica elementare della lingua portoghese*, Heidelberg, Giulio Groos.
- Pereira Gonçalves J. 188[?], *O Mestre Popular, ou O Italiano sem Mestre, ao alcance de todas as intelligencias e de todas as fortunas, adequado ao uso dos portuguezes e dos brasileiros*, Joaquim Gonçalves Pereira, Lisboa.
- Puren C. 1988, *Histoire des méthodologies de l'enseignement des langues*, Nathan, Paris.
- Sánchez Pérez A. 2000, *Los métodos en la enseñanza de idiomas. Evolución histórica y análisis didáctico*, SGEL, Madrid.
- Tavani G. 1958, *Grammatiche di Portoghese ad uso degli Italiani (contributo alla bibliografia degli studi portoghesi in Italia)*, in "Filologia Romanza" V, 1[17], pp. 438-458.
- Wheeler G. 2013, *Language Teaching Through the Ages*, Routledge, New York-London.